

## **PENSAMENTO DECOLONIAL E INTERSECCIONALIDADE: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL DA ONG RAÍZES DO NORTE GOIANO**

**Decolonial thinking and intersectionality: a psychosocial study of the ONG  
Raízes do Norte Goiano**

**Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro**

Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de  
Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas  
da Universidade Federal de Santa Catarina,  
Florianópolis, SC Brasil

E-mail: [maylla.chaveiro@gmail.com](mailto:maylla.chaveiro@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X> 

**Marielly Martins de Sousa**

Historiadora pela Universidade Estadual de Goiás.  
Especialista em Gestão de Cidades e Planejamento Urbano.  
Goiânia, GO, Brasil

E-mail: [marielly.mms@gmail.com](mailto:marielly.mms@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3530-5794> 

A lista completa com informações das autoras está no final do artigo ●

### **RESUMO**

Este artigo descreve um relato de experiência acerca dos processos psicossociais vivenciados na ONG Raízes do Norte Goiano (ONG RNG) entre o período de 2018 a 2023 no estado de Goiás. Sendo idealizada por um casal de mulheres negras, candomblecistas e lésbicas, a ONG elaborou e desenvolveu projetos sociais guiados pela perspectiva decolonial e interseccional entre as categorias de raça/etnia, gênero, orientação sexual, capacidade, regionalidade, classe social, religiosidade/espiritualidade e geração. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interdisciplinar desenvolvida por meio da observação participante e com análises embasadas a partir dos pressupostos teórico-práticos da interseccionalidade, do campo psicossocial, das epistemologias decoloniais e estudos acerca das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. Como resultado, percebeu-se que os projetos sociais contribuíram para o fortalecimento da identidade negra em perspectiva interseccional e ofereceram ferramentas para repensar o modelo epistêmico hegemônico fomentando o pensamento crítico que se opõe à naturalização das desigualdades sociais. Por fim, as ações da ONG RNG podem contribuir como exemplos para o enfrentamento às múltiplas opressões e para a construção de uma sociedade democrática a partir de princípios éticos, estéticos e políticos do pensamento decolonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** ONG Raízes do Norte Goiano. Interseccionalidade. Pensamento Decolonial. Ancestralidade.

### **ABSTRACT**

This article describes an experience report about the psychosocial processes experienced at the ONG Raízes do Norte Goiano (ONG RNG) between the period from 2018 to 2023 in the state of Goiás. Conceived by a couple of black women, candomblecists and lesbians, the ONG designed and developed social projects guided by a decolonial and intersectional perspective between the categories of race/ethnicity, gender, sexual orientation, capacity, regionality, social class, religiosity/spirituality and generation. This is a qualitative and interdisciplinary research developed through participant observation and with analyzes based on the theoretical-practical assumptions of intersectionality, the psychosocial field, decolonial epistemologies and studies about ethnic-racial relations in Brazilian society. As a result, it was noticed that social projects contributed to the strengthening of black identity in an intersectional perspective and offered tools to rethink the hegemonic epistemic model, fostering critical thinking that opposes the naturalization of social inequalities. Finally, it was concluded that the actions of the ONG RNG can contribute to the confrontation of multiple oppressions and to the construction of a democratic society based on ethical, aesthetic and political principles of decolonial thinking.

**KEYWORDS:** ONG Roots of Northern Goiano. Intersectionality. Decolonial Thinking. Ancestry.

# 1 INTRODUÇÃO

Este estudo é proveniente da experiência na ONG Raízes do Norte Goiano<sup>1</sup>, inaugurada em 2018, dois anos depois do golpe de 2016, tendo como contexto histórico a ascensão do neofascismo no Brasil. É neste cenário de instabilidade do regime democrático e de avanço do pensamento autoritário que nós, um casal de mulheres lésbicas, negras e candomblecistas, ousamos fundar uma ONG no interior do estado de Goiás visando fomentar o pensamento crítico que se opõe à naturalização das desigualdades sociais.

Durante os anos de 2018 e 2019, período que antecedeu à pandemia por Covid-19, atividades foram elaboradas e desenvolvidas com o propósito de promover processos de descolonização subjetiva. Algumas dessas ações foram realizadas na sede da ONG, uma casa em que as crianças, adolescentes e adultas tinham autonomia para criar e aprender novas maneiras de se relacionar, priorizando a pluriversidade e o distanciamento do pensamento hegemônico e colonial. Já no período entre 2020 e 2023, foram realizadas ações de enfrentamento ao racismo, ao machismo e de combate à violência doméstica e familiar. Estas atividades aconteceram em formato online por meio de cursos de capacitação, palestras, aulas e rodas de conversa, devido à realidade de isolamento social em decorrência da pandemia por Covid-19.

Em cinco anos de existência, os projetos sociais desenvolvidos pela ONG RNG ofereceram ferramentas de combate ao racismo, machismo, LGBTQIAP+fobia, capacitismo, gordofobia, racismo religioso, adultocentrismo, fomentando reflexões decoloniais e buscando influenciar a vida das pessoas envolvidas. Assim sendo, utilizamos a ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade e decolonialidade tanto para elaborar os projetos sociais, como para desenvolver o estudo psicossocial dos possíveis efeitos destas ações sobre a vida das pessoas.

A partir dessa metodologia, as práticas da ONG foram conduzidas por meio de teorias que considerassem as desigualdades de gênero, o racismo estrutural, as raízes coloniais da violência e o processo histórico da ideologia de branqueamento adotada como uma política de Estado no Brasil. Ou seja, identificando a convergência de vários eixos de opressão nas experiências das pessoas na comunidade, construímos novas formas de reflexão que guiaram pequenos movimentos de resistência principalmente de mulheres negras no norte goiano.

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre os projetos sociais, acesse o Instagram: @raizesdonortegoiano e Facebook ONG Raízes do Norte Goiano.

Esta pesquisa possui um caráter interdisciplinar em função dos seguintes aspectos: 1) os fenômenos psicossociais investigados são analisados a partir da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade, a qual se ampara em saberes oriundos de diversos campos do conhecimento; 2) os projetos sociais foram elaborados a partir de epistemes da Psicologia e História, áreas de formação das fundadoras da ONG e pesquisadora-participantes da pesquisa; 3) o pensamento complexo que emerge da interdisciplinaridade é capaz de propor estratégias mais eficientes de combate ao racismo, sexismo, LGBTQIAP+fobia, adultocentrismo, xenofobia, racismo religioso, capacitismo, gordofobia.

De acordo com Gaudêncio Frigotto (2008), a interdisciplinaridade não é meramente uma questão de método de investigação ou de aplicação de alguma técnica, mas instaura-se primordialmente como uma necessidade na medida em que decorre da própria condição humana de afetar a realidade e de ser afetado pelas próprias transformações que produziu, sendo sujeito e objeto mutuamente do conhecimento social. Segundo a perspectiva do autor, as pessoas buscam incessantemente satisfazer suas necessidades que são múltiplas e contextualizadas historicamente. Assim, a natureza biológica, estética, intelectual, artística de tais necessidades caracterizam as mais diversas relações sociais; tornando-se necessário buscar a totalidade explicitando os múltiplos fatores que permeiam o objeto e a historicidade que o constitui.

Nesse sentido, a ONG Raízes do Norte Goiano é caracterizada como uma instituição em que são desenvolvidas ações sociais interdisciplinares, atendendo pessoas em diferentes etapas no ciclo geracional. As atividades culturais foram organizadas com a participação da comunidade, sendo colocado em prática um sistema de valores que evidencie a cooperação mútua e a ética comunitária. A pesquisa que se segue é um relato de experiência entre o período de 2018 a 2023 acerca das ações que foram elaboradas a fim de promover possibilidades de transformação social.

## **2 ONG RAÍZES DO NORTE GOIANO: INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE**

A ONG RNG foi inaugurada em 01 de janeiro de 2018 no intuito de desenvolver reflexões a partir das relações entre memórias e estética negra em função do fortalecimento da ancestralidade da região Norte do estado de Goiás. Sendo assim, a palavra “*raízes*” assumiu um duplo sentido ao simbolizar tanto a herança histórico-cultural do norte goiano, como também as raízes do cabelo crespo, símbolo de resistência da luta de movimentos

negros no Brasil e no mundo. Desse modo, a ideia inicial foi de criar um contexto sociocultural a fim de fortalecer os saberes populares, a ancestralidade africana e indígena, e ressaltar as potencialidades de pessoas subalternizadas e invisibilizadas, oferecendo resistência à colonialidade e à inferiorização desses grupos na região do interior do estado de Goiás.

De acordo com a professora Luciana Ballestrin (2013), a expressão “decolonial” não deve ser confundida com mera descolonização, no sentido de que há uma diferença histórica e temporal. Enquanto o termo “decolonial” é elaborado pelo grupo Modernidade/Colonialidade buscando transcender a colonialidade (fenômeno cultural e histórico de relação de poder que se mantém mesmo com o fim do colonialismo), o termo “descolonização” seria entendido a superação do colonialismo (período histórico derivado do processo de expansão territorial de países europeus sobre povos ameríndios e africanos).

A perspectiva de descolonização mental foi elaborada por Franz Fanon<sup>2</sup>, e é considerada como uma ferramenta fundamental para combater a violência racista e para lidar com os efeitos psicológicos decorrentes do processo de colonização. Segundo Frantz Fanon:

A descolonização se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta (...)é um processo histórico: isto é, ela só pode ser compreendida, só tem inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na exata medida em que discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas, que têm precisamente a sua origem nessa espécie de substancialização que a situação colonial excreta e alimenta. (...) a descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a “coisa” colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta (FANON, 2010, p. 52-53)

Em seu trabalho enquanto psiquiatra, Fanon trabalhava para que os negros se libertassem do complexo de inferioridade produzida no cenário colonial pela lógica racista a qual invisibiliza corpos e existências negras. “o que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do seu arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (FANON, 2008, p. 44). Foi a partir desse pensamento que buscamos planejar um cronograma de ações que possibilitasse ressignificar os estereótipos racistas em relação ao corpo negro,

---

<sup>2</sup> Frantz Fanon foi um médico psiquiatra, filósofo político, teórico do colonialismo e importante militante da independência africana. Fanon é um dos intelectuais mais influentes no campo dos estudos pós-coloniais e nas lutas pela independência das ex-colônias europeias.

produzindo resistência ao modelo colonial opressor que dita uma noção de inferioridade sobre grupos sociais subalternizados.

Neusa Santos Souza (1998) afirma:

O racismo é essa peste, olhar odioso que afeta o Outro, visada de ódio e intolerância àquilo que funda sua diferença. Ódio e intolerância ao Outro, o racismo é essa maneira funesta de pensar e agir, fruto de uma vontade totalitária em seu duplo afã de extirpar do Outro o seu modo de gozo e, ao mesmo tempo, de lhe impor o nosso (SOUZA, 1998, p. 163).

Assim, confrontamos os olhares racistas no norte goiano ao priorizar em nossos projetos as pessoas negras e indígenas, pertencentes da população LGBTQIAP+, pessoas com deficiência, crianças, idosos, pessoas de baixa classe social. A identidade racial é influenciada por fatores sociais, históricos e culturais, e na região do norte goiano há carência de discussões acerca das relações étnico-raciais, interseccionalidade e decolonialidade do pensamento. Os modos de constituição de subjetividade ainda estão muito permeados de uma lógica ocidental e pela ideologia de supremacia branca. Uma explicação para este fato são as consequências do próprio racismo estrutural.

O racismo estrutural é um termo utilizado para explicar as estruturas que permitem a perpetuação do racismo na sociedade. De acordo com Silvio Almeida (2019) é preciso compreender o desenvolvimento histórico do racismo que se estruturou por meio dos aspectos da economia, da política e da subjetividade. Desse modo, o racismo não é somente uma questão de preconceito, mas um sistema muito complexo que atua no Brasil.

É nesse ponto que a casa que servia como sede da ONG foi tão importante para materializar um espaço físico que esteve aberto para o sentido pluriversal de mundo. Além de atuar de maneira lúdica e imagética, na ONG também eram oferecidas assessorias jurídicas para população negra e periférica promovendo equidade racial.

A sede da ONG abrigou muitas experiências criativas com arte, pintura, dança e liberdade de pensamento em um sentido coletivo. A reunião constante de pessoas negras em um espaço em que eram promovidas ações de fortalecimento da afrosubjetividade foi importante para garantir a sensação de representação e de pertencimento cultural. A valorização da cultura negra e indígena a partir do resgate das raízes ancestrais no espaço da ONG objetivou trabalhar a autoestima de pessoas negras e romper com a visão embranquecida e colonial de mundo. Esse processo é coletivo.

Segundo a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2002b):

Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade

socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra (GOMES, 2002b, p. 39).

Outro aspecto importante da ONG Raízes do Norte Goiano, foi a oposição ao racismo religioso. Principalmente em cidades pequenas do interior do estado, apenas uma perspectiva espiritual de mundo é considerada como verdadeira e correta. Desse modo, o racismo religioso se manifesta a partir da inferiorização e perseguição de religiões de matriz africana (NOGUEIRA, 2020). Sendo assim, em nossos projetos e práticas cotidianas, buscávamos dialogar com as pessoas em função de informar para expandir a visão de mundo, apresentando argumentos históricos e sociais acerca do projeto sistêmico que alimenta o racismo religioso. De acordo com Sidnei Nogueira (2020): “O racismo religioso quer matar existência, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens” (p. 123). Em oposição a esta ideia, fortalecemos a epistemologia africana como possibilidade de desconstrução do racismo religioso, oferecendo maior visibilidade às perspectivas espirituais e cosmo-sentidos de matriz-africana em Goiás.

**Figura 1:** Ações na ONG Raízes do Norte Goiano



**Fonte:** Instagram @raízesdonortegoiano e Facebook ONG Raízes do Norte Goiano

A interseccionalidade serviu como ferramenta teórico-metodológica embasando os projetos sociais da ONG RNG. A jurista e ativista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw foi responsável por cunhar o termo e elaborar uma definição de interseccionalidade que tem sido amplamente incorporada nos estudos das ciências humanas e sociais. De acordo com a autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

É a partir dessa lente que ações foram pensadas a fim de tentar inverter a lógica colonial ao reivindicar lugar de poder e de protagonismo às pessoas negras e populações subalternizadas da região do norte goiano. Desse modo, a partir da lente interseccional, com entrevistas e rodas de conversa íamos identificando as formas de opressão as quais as pessoas estavam submetidas e atuávamos de maneira a fortalecer e empoderar com as atividades socioeducativas na ONG.

A noção de interseccionalidade tem sido amplamente incorporada nos estudos das ciências humanas e sociais. Trata-se de compreender a complexidade da convergência entre os sistemas de opressão, o que exige mais sagacidade epistêmica para identificar e criar estratégias de resistência decolonial. A socióloga Patricia Hill Collins é uma estudiosa do campo da interseccionalidade e a define do seguinte modo:

“Interseccionalidade se refere a formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças” (COLLINS, 2009, p. 21).

Seguindo esse raciocínio, o conceito de interseccionalidade foi historicamente elaborado a fim de reparar injustiças raciais sofridas por mulheres negras em uma sociedade que, além de sexista é também racista. E é em função deste contexto histórico da criação do conceito que se torna fundamental considerar as relações étnico-raciais em afroperspectiva como intrínsecas ao próprio campo.

Em uma sociedade racista é a autoridade da estética branca que define o que é belo (SOUZA, 1983). Desta forma, torna-se fundamental construir consciência racial e de classe. Para tal, uma estratégia muito utilizada foi promover diálogos entre meninas a partir de reflexões sobre padrões de estética colonial e estética negra a fim contribuir para o autoconhecimento e autonomia subjetiva. Assim, buscamos fomentar valores que incluam o respeito à diversidade do cabelo crespo com encontros de valorização estética por mulheres e meninas negras e seus cabelos crespos. Para além das ações do cronograma de projetos sociais, nossas próprias práticas enquanto militantes com nossos cabelos crespos eram intencionais e pretendiam fomentar reflexões sobre autoimagem, autoconhecimento e autoestima com públicos distintos que frequentaram a sede da ONG RNG.

**Figura 2:** Ações na ONG Raízes do Norte Goiano



**Fonte:** Instagram @raízesdonortegoiano e Facebook ONG Raízes do Norte Goiano

Considerando que as identidades são fluidas, mutáveis e se encontram em constante elaboração (HALL, 2000), tanto adultos quanto crianças se conscientizam, de modo específico, mas ao mesmo tempo, simultâneo das identidades étnico-raciais de maneira relacional. O vínculo entre estas gerações produz um terreno fértil para produções plurais e contínuas das identidades raciais, a partir das diferenças existentes entre elas. Nas palavras de Stuart Hall:

É apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado "positivo" de qualquer termo - e, assim, sua "identidade" - pode ser construído (2000, p. 1 10).

Através das ações da ONG RNG foi possível refletir vários aspectos sobre socialização e subjetivação em crianças e jovens a partir da ética e do respeito à diversidade. Em outras palavras, buscamos compreender temas como: ancestralidade,

corporeidade, ritmo e afrosujetividade, através do próprio movimento transformador e criativo inerente ao povo negro. Pessoas negras em diáspora seguem conectadas por meio da ancestralidade como processo de continuação da vida enquanto relação dinâmica entre passado, presente e futuro. O autor Muniz Sodré destaca o seguinte: “Diferente do tempo histórico, a temporalidade em que se inscreve o destino é própria da ancestralidade, isto é, da vigência ética do discurso de fundamentação do grupo, em que se enlaçam, origem e fim” (SODRÉ, 2017, p. 109).

De acordo com a autora bell hooks (2010, s/p) as heranças da escravidão deixaram algumas sequelas emocionais, pois para suportar tamanho sofrimento, as emoções foram sendo reprimidas e transformadas em outras reações como rancor ou raiva. Assim, é importante organizar contextos em que as crianças recebam afeto, e vivenciem amor como um ato político. Nas palavras da autora: “A partir do momento que acreditarmos, de preferência desde crianças, que nossa saúde emocional é importante, poderemos suprir nossas outras necessidades” (hooks, 2010, s/p).

Nessa perspectiva, o alisamento compulsório de cabelos crespos em crianças negras pode ser considerado como uma mutilação que pode deixar profundas marcas por toda a vida, limitando momentos de afeto com seu próprio corpo e cabelo. Nos lembramos com carinho das pessoas adultas que nos dedicaram afeto e respeito em nossa infância e tais memórias podem trazer conforto e segurança para a busca por autoconhecimento. Sobre os afetos, bell hooks também afirma: “Quando eu era criança algumas mulheres negras me amaram de forma “incondicional”. Assim aprendi que o amor não precisa ser conquistado. Elas me ensinaram que eu merecia ser amada; seu carinho nutriu meu crescimento espiritual” (hooks, 2010, s/p).

Na ONG Raízes do Norte Goiano também foram criadas oficinas que compuseram o material de tese chamada: “*Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais*” (CHAVEIRO, 2020). Neste trabalho, a infância foi situada como ponto de partida para se pensar as relações étnico-raciais em diáspora. Com oficinas e o encontro de crespas do norte goiano discutiu-se também sobre os como era ser uma criança negra passando por alisamento compulsório e refletimos acerca dos saberes e as desobediências epistêmicas de crianças negras se opondo às estratégias coloniais sobre seus corpos e cabelos (CHAVEIRO, 2021).

A ONG sistematizou diversas ações no âmbito local e regional: palestras, oficinas, aulas, reuniões, apresentações artísticas, shows, torneios esportivos, parcerias institucionais, intercâmbios culturais e campanhas educativas e preventivas. Estas ações

foram constituídas socialmente com intuito de fortalecer as raízes ancestrais, a perspectiva interseccional e decolonial na região Norte do Estado de Goiás. O quadro abaixo (quadro 1) demonstra alguns projetos sociais desenvolvidos nos últimos anos e busca evidenciar o objetivo de cada ação, bem como pontuar quais foram os focos de resistência com o sistema hegemônico ocidental em cada uma delas.

**Quadro 1** – Ações elaboradas e desenvolvidas pela ONG Raízes do Norte Goiano de 2018 a 2023.

<b>Ações</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Movimentos de Resistência</b>
<b>1) Encontro de Crespas do Norte Goiano</b>	1) Fortalecimento da identidade negra em meninas e mulheres do norte goiano; 2) Proteger o Orí de pessoas negras; 3) Ressignificar as violências do alisamento compulsório. 4) Descolonizar corpos negros promovendo autoconhecimento e autoestima.	1) Resistência à ideologia do branqueamento; 2) Resistência ao racismo estético e às produções de corporeidades coloniais; 3) Crítica aos padrões de beleza ocidentais.
<b>2) Mulheres em quadra: Futsal não tem gênero</b>	1) Treinar habilidades de autonomia, tomada de decisão, liderança e trabalho em equipe por meio do esporte; 2) Fortalecimento físico e emocional de mulheres negras e periféricas.	1) Resistência ao machismo e sexismo no esporte; 2) Resistência à sexualização de mulheres no esporte.
<b>3) Aulas de Inglês</b>	1) Ampliar repertório linguístico; 2) Fortalecer a autoestima e autoconhecimento a partir da aprendizagem de um segundo idioma.	1) Oposição à ideia de que somente pessoas de classe social alta podem ter acesso às aulas de idiomas; 2) Resistência à noção colonial de que aprender inglês é reforçar a colonialidade, pois grande parte de povos de etnias africanas e africanos em diáspora falam inglês como primeiro idioma.
<b>4) Aulas de Teatro</b>	1) Trabalhar a expressão capacidade respiratória, resistência física, flexibilidade, coordenação e mobilidade corporal; 2) Buscar autoconhecimento e autoestima.	1) Resistências aos efeitos do racismo sobre os corpos de pessoas negras.
<b>5) Aulas de Balé Bailarinas negras: As cores do balé</b>	1) Fortalecer a ideia de que dança é conhecimento ancestral e que o movimento é fundamental para corporeidade negra; 2) Fortalecer a autoestima de meninas negras.	1) Construir críticas sobre a ausência das bailarinas negras no cenário do Balé Clássico; 2) problematizar o estereótipo de associar unicamente pessoas brancas e magras ao balé.
<b>6) Culinária para crianças e adolescentes</b>	1) Resgatar receitas e saberes ancestrais na cozinha; 2) Apresentar estratégias alimentares saudáveis.	1) Oposição ao projeto de racismo alimentar e nutricional da população negra e periférica

<b>7) Sarau de Arte e Cultura e Oficinas de Pintura</b>	1) Apresentar artistas negras e negros; 2) Disseminar elementos da arte, dança e música africana.	1) Crítica à perspectiva de que arte é elitista e exclusiva de pessoas brancas; 2) Resistência ao modelo hegemônico de arte e cultura.
<b>8) Crianças como protagonistas</b>	1) Possibilitar a criação de novos saberes a partir das desobediências epistêmicas de crianças; 2) Fortalecer o senso democrático, ético e pluriversal em crianças.	1) Resistência ao adultocentrismo; 2) Resistência à visão colonial acerca das crianças.
<b>9) Cine Raízes</b>	1) Apresentar discussões acerca da ancestralidade africana e indígena para crianças e adolescentes a partir da exposição de filmes como: Viva: a Vida é uma festa; Avatar; Pantera Negra; Moana; 2) Refletir sobre a identidade e representatividade negra no cinema.	1) Crítica aos estereótipos de narrativas do cinema hegemônico, voltados aos protagonistas e heróis brancos.
<b>10) Gincana dos 4 elementos: Água, Fogo, Terra e Ar</b>	1) Fortalecimento da ancestralidade negra e indígena; 2) Discussão decolonial acerca da natureza; 3) Refletir acerca da pluralidade espiritual e religiosa a partir dos elementos da natureza.	1) Crítica ao extrativismo mineral; 2) Resistência ao racismo religioso.
<b>11) Projeto Estrela tem Raízes</b>	1) Resgatar saberes ancestrais de gerações passadas a partir de rodas de conversa com os pioneiros negros da cidade.	1) Resistência à supremacia racial branca e elitista na construção de narrativas históricas das cidades do interior do norte goiano.
<b>12) Combate à violência doméstica e familiar</b>	1) Instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações para o combate ao racismo e ao sexismo para a melhoria das condições de vida da população negra. 2) Informar sobre os tipos de violência doméstica existentes e quais os seus impactos na subjetividade das mulheres, da família e da comunidade.	1) Resistência à cultura da violência contra mulheres; 2) Crítica à desigualdade de gênero.
<b>13) Cursos de Capacitação para Equipes Facilitadoras de Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência Doméstica e Familiar</b>	1) Foram realizados cursos de capacitação em 14 municípios do Estado de Goiás realizados com parceria com NEINTER, poderes judiciários e executivos locais.	1) Resistência à cultura da violência contra mulheres; 2) Oposição à concepção de masculinidades hegemônicas e fortalecimento de masculinidades negras em afroperspectiva.

<p><b>14) Combate ao abuso infantil e à exploração sexual de crianças e adolescentes</b></p>	<p>1) Proteger a infância e adolescência; 2) Cursos e capacitação para conselheiras tutelares da região e rede escolar; 3) Realização de campanhas acerca da prevenção ao abuso sexual infantil.</p>	<p>1) Resistência ao modelo de sociedade que naturaliza o abuso infantil.</p>
--	--	---

Como estratégia para divulgar as ações antirracistas da ONG e também para construir um formato de diário de campo visual e público, foram criadas duas páginas nas redes sociais: Instagram @raizesdonortegoiano e Facebook Raízes do Norte Goiano. A produção de imagem sempre foi uma ferramenta de controle e de poder na história da humanidade, desse modo, em cada ação desenvolvida pela ONG, eram feitas coberturas fotográficas e audiovisuais, as quais depois seriam postadas nas redes sociais. Assim, articulamos representações de negritude com cenas positivadas de pessoas negras, população periférica, pessoas subalternizadas. Os ambientes digitais podem gerar contribuições importantes para a disseminação das informações e conhecimentos produzidos em ONGs e em movimentos sociais pelo Brasil.

Pensando no campo da branquitude, podemos afirmar que a ONG também contribui, ainda que de maneira indireta, para que os sujeitos brancos pudessem compreender sua identidade racial, ou seja, se perceberem como pessoas racializadas com privilégios herdados historicamente. Desse modo, a construção da identidade racial branca no interior do norte goiano perpassa a desconstrução de que não há uma corporeidade padrão ou neutra. De acordo com Lia Schucman:

“A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (SCHUCMAN, 2014, p. 84)

Os projetos da ONG causavam reflexão e até mesmo resistência de algumas pessoas brancas. Isto porque, a lógica do racismo naturaliza o lugar do branco como ser humano universal, e quando questionados por meio dos projetos sociais da ONG RNG, demonstravam certo incômodo com as temáticas levantadas. A intelectual Grada Kilomba (2020) descreve os cinco mecanismos de defesa do ego do sujeito branco: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Assim, as denúncias contra crimes racistas e machistas no norte goiano eram recebidas por pessoas brancas em algum desses mecanismos citados. Ou seja, algumas pessoas negavam a existência do racismo, outras

sentiam vergonha ou culpa dos seus antecedentes históricos de seus ancestrais e outras poucas pessoas compreendiam a lógica decolonial e antirracista das nossas ações e buscavam atuar como aliadas nesta luta

Tais processos demonstram o quanto é fundamental que discussões decoloniais e interseccionais, saiam da academia e cheguem até às comunidades interioranas. Isto porque, faz-se urgente não só fortalecer a identidade negra, mas também desnaturalizar a construção social da superioridade branca sendo possível criar maneiras de dismantelar o racismo estrutural e reorganizar as configurações de poder.

A ONG Raízes do Norte Goiano pôde apresentar um exemplo de luta que vai além das ações construídas pelos poderes executivos e legislativos locais, demonstrando o poder de pessoas quando se juntam em torno de um objetivo em comum, no nosso caso: na emancipação de povos negros e indígenas, mulheres lésbicas, pessoas trans, candomblecistas, umbandistas e espiritualistas, gays, pessoas bissexuais, não binárias, pertencentes à classe trabalhadora, nordestinos e imigrantes venezuelanos vivendo no norte goiano, pessoas com deficiência, valorização de crianças e idosos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta central desta pesquisa foi apresentar um relato de experiência acerca dos processos psicossociais experienciados na ONG RNG. O apagamento da história e das contribuições de pessoas negras e indígenas no norte goiano é um grave indicador do projeto colonial sendo colocado em curso, mesmo em regiões interioranas do estado de Goiás. Como resistência a esse processo, os projetos sociais tornaram-se terreno fértil não só para que as mulheres negras ressignificassem as violências coloniais que sofreram, mas também serviram de embrião para que ideias e modos plurais de existência-resistência pudessem ser construídos pelas crianças negras. Nesta perspectiva, as meninas negras puderam vislumbrar corporeidades para além dos estereótipos de gênero articulados aos estereótipos de raça, reescrevendo narrativas próprias fundamentadas no contínuo processo de descolonização subjetiva.

Esses momentos foram fundamentais para estabelecer trocas de conhecimento a partir da valorização de saberes locais, além de possibilitar uma compreensão sobre alguns aspectos dos processos de constituição da noção de indivíduo e de sociedade. Como explicita Ignacio Martín-Baró (1997):

O saber mais importante do ponto de vista psicológico não é o conhecimento explícito e formalizado, mas esse saber inserido na práxis cotidiana, na maioria das vezes implícito, estruturalmente inconsciente, e ideologicamente naturalizado, enquanto adequado ou não às realidades objetivas, enquanto humaniza ou não às pessoas, e enquanto permite ou impede os grupos e povos de manter o controle de sua própria existência (p. 15).

Com a experiência da ONG RNG, tornou-se ainda mais evidente a potência criadora de crianças na articulação de novos fundamentos epistêmicos e estéticos para práticas decoloniais, pois tendo menos tempo de vida na sociedade colonial e estruturalmente racista ainda não reproduzem acriticamente tantos estereótipos e preconceitos (CHAVEIRO, 2021; 2023). É fundamental pensar em sentidos pluriversais de mundo, prevendo possibilidades futuras de ontologias anticoloniais que rompam com estratégias de controle de corporeidades negras. Abrindo caminhos e possibilidades, reconectar-se com o passado sustentado por memórias negras e indígenas é também ter a condição de alterar o futuro (CHAVEIRO, 2023).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BALLESTRIN, Luciana. Entrevista: Para transcender a colonialidade. IHU-Online – **Revista do Instituto Humanitas** – UNISINOS. Autores: Luciano Gallas e Ricardo Machado. 2013. Disponível em: . Acesso em maio 2023.
- CHAVEIRO, Maylla. M. R. S. **Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais**. 2020. 191 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2020.
- CHAVEIRO, Maylla. M. R. S., MINELLA, Luzinete. S. Infâncias decoloniais, interseccionalidades e desobediências epistêmicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**,7(1), 99–117. DOI: <https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43661>
- CHAVEIRO, Maylla. M. R. de S. Infâncias afrofuturistas, cabelo crespo e sankofa: a estética como estratégia de resistência. **ODEERE**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 176-191, 2023. DOI: 10.22481/odeere.v8i1.12338. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/12338>. Acesso em: 14 maio. 2023
- COLLINS, Patricia. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para encontro de especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

FANON, Frantz, **Os condenados da terra**. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2005. (coleção cultura, v.2).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008

FRIGOTTO, Gaudêncio. Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. **Revista Centro de Educação e Letras**, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008.

GOMES, Nilma Lino, Educação e Identidade Negra. **Aletria**, Belo Horizonte Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 38-47, 2002b.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. **Geledés**, 2010. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: 15 mar. 2015.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O Papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**, Natal, n. 2, p. 7-27, 1997.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 83-94, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** (Vol. 4). Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda. 1983.

SOUZA, Neuza Santos. **O estrangeiro: nossa condição**. In.: Koltai, C. (Org). O estrangeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

## NOTAS

### Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro

Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Co-fundadora da ONG Raízes do Norte Goiano e Psicóloga Clínica, Goiânia, GO, Brasil

E-mail: [maylla.chaveiro@gmail.com](mailto:maylla.chaveiro@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>

## **Marielly Martins de Sousa**

Historiadora pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Gestão de Cidades e Planejamento Urbano. Servidora na Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás. Co-fundadora e presidente da ONG Raízes do Norte Goiano, Goiânia, GO, Brasil

E-mail: [marielly.mms@gmail.com](mailto:marielly.mms@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3530-5794>

## **Endereço de correspondência**

Rua Perimetral 4, esquina com SV1, Residencial Sonho Verde, Lote 18/19, Quadra 17, Cep 74730515, Goiânia, GO, Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Não se aplica.

## **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

**Concepção e elaboração do manuscrito:** M. M. R. de S. Chaveiro, M. M de Sousa

**Coleta de dados** M. M. R. de S. Chaveiro, M. M de Sousa

**Análise de dados:** M. M. R. de S. Chaveiro, M. M de Sousa

**Discussão dos resultados:** M. M. R. de S. Chaveiro, M. M de Sousa

**Revisão e aprovação:** M. M. R. de S. Chaveiro, M. M de Sousa

## **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## **FINANCIAMENTO**

A pesquisa para confecção deste artigo foi financiada pela CAPES nos anos de 2016 a 2020.

## **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

As imagens do artigo estão no Instagram e Facebook da ONG Raízes do Norte Goiano. São de domínio público. No período em que foram tiradas, as pessoas que frequentavam os projetos da ONG eram informadas sobre as fotos nas redes sociais e o consentimento do uso de imagem.

## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não teve aprovação do comitê de ética.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

## **LICENÇA DE USO**

Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a **Licença Creative Commons Attribution** (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no **Portal de Periódicos UFSC**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Javier Ignacio Vernal e Silmara Cimbalista

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 15-05-2023 – Aprovado em: 26-05-2023 – Publicado em: 31-05-2023